RECEBIDO: 19.09.2023
ACEITE: 05.11.2023
DOI: https://doi.org/10.34624/agora.v0i26.38158

CURIOSAS COINCIDÊNCIAS ENTRE HORÁCIO E O CHINÊS DU FU (SÉC. VIII D.C.): 2. AS ESTAÇÕES DO ANO E A VIDA HUMANA

Coincidences between Horace and Chinese poet Du FU (8th century AD) 2. The seasons and human life

Carlos Ascenso André
Universidade de Coimbra
Universidade Politécnica de Macau
caa@fl.uc.pt
ORCID: 0000-0003-3390-1406

Zhang Yunfeng
Universidade Politécnica de Macau
zhangyunfeng@mpu.edu.mo
ORCID: 0000-0002-9995-8432

Resumo: *Obs. Por uma questão de coerência, repete-se, quase* ipsis uerbis*, o resumo feito no primeiro artigo, com o mesmo título, visto serem os dois parte de uma reflexão conjunta.*
É quase impossível que à China imperial do séc. VIII chegassem ecos, ainda que difusos, da literatura latina de oito século antes. Eventuais semelhanças entre autores não passam, por isso, de coincidências. Mesmo assim, no entanto, o facto não deixa de ser interessante.
É o que sucede com algumas semelhanças entre a obra de Du Fu, poeta chinês do séc. VIII, e Horácio, poeta latino do séc. I a.C.: a celebração das estações do ano, em especial o outono e a primavera, o elogio da moderação, bem ao jeito da *aurea mediocritas*, as pinturas da natureza, o desprendimento de bens materiais, tudo isso aproxima dois poetas de tão diferentes culturas e de tempos históricos tão diversos.
O presente artigo pretende refletir sobre esta proximidade temática, com recurso a passos dos dois poetas, ainda que, repita-se, se trate de coincidências, numa abordagem que não é usual no estudo de ambas as literaturas.
Depois de, na primeira parte desta mesma reflexão, ter sido analisada a presença do tema da *aurea mediocritas*, da moderação, do desprendimento de bens materiais, nesta segunda parte estudar-se-á a proximidade entre os dois poetas no que respeita a outra área temática: as estações do ano e a sua relação com a vida humana.

Palavras chave: Literatura latina; literatura chinesa; Horácio; Du Fu.

Abstract: *Obs. For reasons of coherence, it is reproduced, almost* ipsis uerbis*, the abstract of first article, under the same title.*
It is almost impossible that to 8th century imperial China would come echoes, albeit diffuse, of Latin literature of eight centuries earlier. Eventual similarities between authors of both literatures shall therefore be considered as coincidences. Even like that, however, the fact is still interesting.
This is what happens in what concerns some similarities between the work of Du Fu, a Chinese poet from the 8th century, and Horace, Roman poet of the 1rst century BC: the celebration of the seasons, especially autumn and spring,
the praise of moderation, in the style of *aurea mediocritas*, the paintings of nature, the detachment of material goods, all this brings together these two poets from such different cultures and from such different historical times.
The present article intends to reflect on this thematic proximity, using the steps of the two poets, even if these are coincidences; an approach that is not usual in the study of both literatures.
After analyzing, in the first part of this study, published before, the presence of the subject of *aurea mediocritas*, moderation, the detachment of material goods, this second part will study the proximity between both poets in what concerns another thematic area: the seasons and their relationship with human life.

Keywords: Latin literature; Chinese literature; Horace; Du Fu.

Numa primeira reflexão, publicada sob o mesmo título nesta revista, abordou-se a curiosa proximidade entre o poeta chinês Du Fu (séc. VIII), um poeta de vida mais ou menos errante[1], e o poeta latino Horácio (séc. I a. C.). A intenção não era, como ali se afirmava, fazer qualquer tipo de crítica de fontes, o que seria manifestamente desajustado, nem, por idênticos motivos, uma aproximação mais do que ténue à literatura comparada.

Estava em causa apreciar curiosas coincidências entre os dois poetas, no que respeita a algumas áreas temáticas que, sendo recorrentes na obra do poeta latino, o não são menos na deste poeta chinês.

Não se trata, portanto, de intertextualidade, manifestamente impossível, mas, quando muito, de coincidências. Era como se as palavras de Michel Schneider tivessem um alcance bem mais vasto, afinal, do que ele pretendia quando as escreveu: "les mots ne sont à personne et sont de toujours; les pensées sont de chacun et toujours neuves" (Schneider, 1985, p. 77).

[1] A biografia de DU Fu pode ser consultada nas obras de: Abreu (2015); Xiaofei (2020); Ji Hao (2017).

Nesse trabalho inicial, prestou-se atenção a alguns temas privilegiados da poética de Horácio, centrados em volta da ideia de *aurea mediocritas*, do apreço pela vida simples, com o consequente alheamento face a poder e riquezas.

A curiosa aproximação entre Du Fu e o seu desconhecido Horácio não se circunscreve, no entanto, à celebração de uma existência moderada e também não apenas aos sucessivos ensinamentos sobre a fugacidade da vida, de que está repleta a sua obra poética. Dos demais temas diletos do Venusino há um outro a que também o grande poeta chinês parece ter aderido: as estações do ano, com destaque para a primavera. Além disso, não podemos deixar de ter em conta que «a China é uma visão do mundo, um modo de conceber as relações do homem com o universo, uma receita para a manutenção da ordem cósmica» (Leys, 2005, p. 181).

Deve ressalvar-se, a este respeito, que a cultura chinesa parece privilegiar duas estações, a primavera e o outono, em detrimento das outras duas, o verão e o inverno. Talvez por essa razão, estas duas últimas estão mais ou menos ausentes da poesia de Du Fu, ao contrário das duas restantes.

Dessas, a primeira foi a que decididamente mereceu a especial atenção de Horácio. As «odes da primavera», assim conhecidas, são facilmente individualizáveis no conjunto da sua obra. Destacam-se particularmente as odes 1.4, 4.7 e 4.12. Dentro do mesmo espírito, a elas pode juntar-se a ode 1.9, que celebra mais propriamente o inverno[2].

A primeira de todas elas, a ode 1.4, suscitou um fascínio especial ao longo dos séculos por parte da crítica e dos leitores de Horácio, porventura em razão da sua riqueza expressiva, em particular no domínio visual.

Combina, além disso, com rara beleza, o tema da chegada da estação primaveril com o ambiente mítico a que ela usualmente está associada: descreve-se o gradual desvanecer do inverno e, com ele, das neves que cobrem as serras, o lento arrastar dos barcos no regresso à faina, o gradual reverdecer dos campos, com o desaparecimento das geadas, tudo com enorme riqueza de pormenores que dão ao texto uma interessante e expressiva dimensão visual:

Soluitur acris hiems grata uice ueris et Fauoni
trahuntque siccas machinae carinas,
ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni
nec prata canis albicant pruinis.

[2] Na apreciação das odes horacianas, utilizaram-se em especial os comentários de Commager (1966), de Quinn (1980) e de Lourenço (2023), e segue-se este último quanto à fixação do texto. A tradução do latim é de C. A. André.

Dissolve-se a aspereza do inverno, à chegada suave da
primavera e do Favónio
e os engenhos arrastam os barcos enxutos,
e já não colhem prazer o gado dos estábulos e o camponês do borralho
nem os prados resplandecem de brancas geadas.

Em comunhão com este ambiente de euforia, pinta-se um quadro onde Vénus, a deusa da beleza (da exuberância da beleza) e do amor, juntamente com as Graças, dão ao conjunto um traço de sensualidade que contrasta claramente com um outro, o que remete para o fim do tempo de inverno: o recolher de Vulcano às forjas do Hades, onde se hão de preparar os raios para quando a invernia voltar de novo.

Também nesse ambiente, entretanto, não obstante ele convidar à alegria, ao entusiasmo, ao júbilo, ao desassossego dos sentidos, convém não perder de vista a necessidade da moderação e da serenidade, aquela harmonia sempre recorrente na obra do Venusino.

A vida floresce, é certo; mas isso não deve levar a esquecer a morte, sempre presente, pois ela pode surgir a qualquer momento sem aviso prévio, a fazer a sua ceifa sem distinção entre a plebe e as grandes mansões:

Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
regumque turris.

A pálida Morte bate com passo igual às cabanas dos pobres
e às torres dos ricos.

Assim se conjugam dois temas importantes da obra horaciana: a primavera, por um lado, com a força da natureza, e, por outro lado, a moderação, o imprevisível fluxo temporal, a serenidade. Dito por outras palavras, ambas as linhas temáticas aqui se combinam e enlaçam: o apelo à consciência para que tenha presente o facto de ser inelutável o fluir do tempo e de a morte espreitar a qualquer momento, sem se fazer avisar, e também a afirmação segura de que isso não deve ser fonte de angústia, inquietação ou desconforto, antes deve constituir motivo para um estranho sentimento de tranquilidade, eivada, é certo, de melancolia.

Não muito distinta desta, é, já no último livro e logo desde os seus primeiros versos, a ode 4.7. Repare-se:

Difugere niues, redeunt iam gramina campis,
arboribusque comae;
mutat terra uices et decrescentia
ripas flumina praetereunt.

Fugiram as neves, volta já a relva aos campos
e às árvores a folhagem;
muda a terra o seu tempo, e os rios perdem força
e correm dentro das margens.

A frase *mutat terra uices* («muda a terra o seu tempo») é a chave da grande diferença entre esta ode e a anterior e a chave também da sua interpretação. Ao contemplar a chegada da primavera, o desvanecer da neve, o reverdecer da paisagem, o homem é chamado a refletir sobre o devir cíclico das estações, em parte semelhante à sucessão das idades no ser humano: o ciclo primavera – verão – outono – inverno tem o seu paralelo no ciclo da vida humana, juventude – maturidade – declínio – velhice (e morte).

Os versos imediatos constituem a descrição um tanto pormenorizada desta eterna sucessão das estações, cada uma delas com sua marca específica e incontornável. Antes de tal descrição, porém, surge sempre o aviso, ou antes a lição, que o tempo nos traz, de que a esperança na imortalidade é um erro e um logro:

Immortalia ne speres, monet annus et almum
quae rapit hora diem.

Não esperes a imortalidade, adverte o ano e a hora
que arrebata consigo o dia benfazejo.

Dito de outra forma, cada estação traz consigo a reparação dos males da que a precedeu, o que garante a continuação da vida e o retomar infinito de cada ciclo da natureza. Já a nós, seres humanos, quando chegar a hora, nada mais nos espera a não ser pó e sombra, que é aquilo em que nos tornamos («todos regressam ao pó» – 孔丘盗跖俱塵埃 – dirá Du Fu oito séculos mais tarde).

Repare-se que tais versos não refletem em si mesmos qualquer espécie de pessimismo: perante a transitoriedade da existência e a sua fugacidade e na incerteza do amanhã, porque a única certeza é a morte, o alerta é para a sabedoria de uma vida em moderação e sem excessivas ambições. A pergunta *quis scit an adiciant hodiernae crastina summae tempora di superi?* («Quem sabe se à soma dos dias de hoje hão de acrescentar amanhãs os deuses do alto?») é, de alguma forma, a conclusão do poema, por ser em si própria uma lição de vida: riquezas e honrarias constituem um projeto inútil; a morte a todos virá a acolher por igual; além de que a morte é um caminho no qual não há retorno, porque somente na natureza o fim do inverno é o início de um ciclo renovado.

A terceira ode de primavera é um tanto mais hedonista, portanto num espírito menos consentâneo com as anteriores. Evoca o advento da nova estação, com o regresso do verde aos campos, o desaparecimento de neves e geadas, a chegada de brisas ligeiras e suaves e o desaparecimento dos vendavais, a acalmia das águas nos rios, os cantos das aves, regressadas de longa ausência, e também dos pastores, de retorno às pastagens com seus rebanhos.

É, por isso, um tempo que convida a desfrutar o prazer da bebida. A primavera traz a sede de vinhos especiosos, longo tempo guardados no fundo da adega, para os emparceirar com a alegria e a música. Uma soma, ainda que avultada, por uma taça de qualidade será um bom investimento.

Ao invés dos poemas anteriores, a ode que se segue nesta apreciação, a ode 1.9, celebra o inverno. Logo nos versos iniciais ressalta o forte poder imagético: no meio da planície ergue-se a montanha toda branca, surgem à vista as árvores na encosta vergadas sob o peso da neve, a superfície dos rios é uma camada não espessa de gelo, de superfície cortante:

Vides ut alta stet niue candidum
Soracte nec iam sustineant onus
siluae laborantes geluque
flumina constiterint acuto?

Vês como se ergue, coberto de um manto de neve, o resplandecente
Soracto, e não suportam já o peso
os bosques cansados, e os rios
sustêm a marcha, por força do gelo aguçado?

Trata-se, pois, de uma paisagem hostil e agreste, pouco apetecível e pouco amistosa, portanto, que convida a procurar recolhimento e sossego em lugar abrigado das intempéries. É também ou parece ser um dos momentos preferidos do poeta: ante a aspereza fria do inverno, recolhe-se ao interior de casa, por modesta que seja, ao calor reconfortante da lareira, lança nesta alguma lenha e desfruta do prazer de um bom vinho, envelhecido quatro anos.

Dissolue frigus, ligna super foco
large reponens atque benignius
deprome quadrimum Sabina,
o Taliarche, merum diota.

Faz desvanecer o frio; põe lenha abundante
na fogueira e, com largueza,

tira da ânfora sabina
vinho de quatro anos, ó Taliarco.

Deixa o resto ao cuidado dos deuses: *Permitte diuis cetera* («Deixa o demais aos deuses»). É esse o conselho que lhe dita a prudência e a moderação, assim cruzando o tema do tempo e das estações com o da *aurea mediocritas,* que lhe é tão caro e que já vimos em poemas tratados no artigo a que no início se faz referência e que deste constitui, por assim dizer, a primeira parte.

A verdade, diz, é que apenas os deuses podem levar de vencida, com o seu poder, ventos e tempestades. Assim se inicia, desta forma, a segunda parte do poema, com a afirmação da crença no poder protetor da divindade e com o reconhecimento da pequenez do homem.

A segunda parte, aliás, reafirma uma das máximas horacianas de enorme significado, com base num princípio que se não cansa de apregoar ao longo de toda a sua obra, o da fugacidade da vida. Estas são as palavras iniciais desse segundo momento, cruas e diretas, sem espaço ou margem para dúvidas: *quid sit futurum cras, fuge quaerere* («o que há de ser o amanhã, foge de o perguntar»). É difícil ser mais claro: diante do futuro incerto, reage o poeta com a consciência da precariedade do presente; mas sem tristeza, antes com serenidade. Se assim é, se tão incerto é o futuro e tão efémero o presente, será lucro o dia que ao de hoje se somar e é assim que tem de ser vivido.

Quid sit futurum cras, fuge quaerere,
et quem Fors dierum cumque dabit, lucro
appone.

O que há-de ser o amanhã, foge de o perguntar,
e qualquer que seja o dia que a sorte te trouxer, tem-no
na conta de lucro.

É, afinal, o *carpe diem* («colhe o dia»), a famosa máxima epicurista expressa em outra ode já acima analisada e de presença constante no conjunto da obra de Horácio: fruir, embora sem excessos, os prazeres, seja do amor, seja do divertimento. Acabará por chegar, na hora certa, o tempo da velhice, dos cabelos embranquecidos, o passo lento e vagaroso da idade.

Oito séculos depois, em outra geografia, outra civilização, outra cultura, outro ambiente, encontramos uma curiosa convergência temática com o poeta latino por parte do poeta chinês Du Fu, sem que ele tivesse alguma notícia desse poeta de Roma.

A celebração da primavera é nele uma constante, quase sempre associada ao vinho, como também acontecia em Horácio. É o tempo «da harmonia com todas as coisas», o tempo das flores, rubras e brancas nas margens dos rios, cujas águas correm entre bambus «serenos» (Du Fu 2015, p. 379):

江深竹靜兩三家
多事紅花映白花
報答春光知有處
應須美酒送生涯

Profundas as águas do rio, os bambus serenos, duas ou três casas,
excitadas, flores rubras refletem-se em flores brancas.
Para agradecer à primavera tenho os artifícios
do bom vinho, para a harmonia com todas as coisas.[3]

Especial referência merece a presença do vinho, quase uma constante nos versos em que o poeta chinês celebra a primavera, como se dela e de sua celebração fosse indispensável ingrediente.

Essa é também a hora de festejar a amizade, por ser o tempo em que os amigos se visitam. A casa é humilde, as canecas vulgares, o caminho semeado das flores próprias da estação, dominada, como é normal na China, pela água da primavera. Na companhia do amigo e do vizinho, bebe-se, pois, sem medida (Du Fu, 2015, pp. 348-349).

Surpreende, neste domínio, um poema onde são manifestas as coincidências com Horácio. A surpresa não resulta de tais coincidências, resulta, isso sim, do título, que enquadra aparentemente o momento do poema: 題張氏隱居 («No ermitério do senhor Zhang»). A primavera é, portanto, associada à vida contemplativa e de solidão de um eremita, decerto para sublinhar a beleza da vida solitária, o prazer que dela advém ante a contemplação da natureza, o elogio da moderação que lhe está associada.

É uma experiência de primavera na montanha, espaço de solidão e de silêncio, apenas entrecortado pelo som do machado nas árvores.

Subsistem ainda neve e gelo, vindos do inverno que há muito pouco se terá findado, e o frio que se faz sentir na ravina, não obstante o solo que teima em mostrar-se em meio do bosque, entre as portas de pedra da serrania, cenário evocado com forte sugestão visual, muito típica da poesia chinesa, cuja aproximação à pintura

[3] Todas as citações da obra de Du Fu provêm da edição indicada na bibliografia final, da responsabilidade de António Graça Abreu. As traduções são igualmente do mesmo autor.

é uma marca específica, mas que igualmente coincide com a poesia horaciana, como se viu (Du Fu, 2015, pp. 100-101):

石門斜日到林丘

No bosque, na colina, o sol desliza entre portas de pedra.

A tranquilidade e a beleza da noite naquele espaço são de tal ordem que facilmente os bens do mundo, da cidade, são votados ao esquecimento, com menosprezo de perfumes, do ouro, da prata:

不貪夜識金銀氣

À noite, não te importam perfumes de ouro e prata.

A conclusão, nos dois últimos versos, é particularmente sugestiva, repositório de toda a emoção do conjunto, com tónica na solidão que domina o poema:

乘興杳然迷出處
對君疑是泛虛舟

Não sei como libertar a emoção que está em mim,
diante de ti pergunto se viajo num barco, no vazio.

Particularmente significativos da coincidência temática entre ambos os autores são dois poemas reunidos sob o título conjunto 曲江 («Na curva do rio»), cada um deles com a referência à primavera logo no verso inaugural (Du Fu, 2015, pp. 238-239).

O segundo detém-se mais no tema do vinho que, como temos visto, é recorrente em Du Fu, muito mais do que em Horácio, onde também é elemento frequente, e numa dimensão que neste não era usual, uma vez que remete para o seu consumo em demasia, para a embriaguez, impossível no poeta latino, sempre avesso a excessos: «bêbado como um cacho»; (盡醉), «dívidas de vinho» (酒債).

Onde o texto se aproxima de Horácio é já no final, no penúltimo verso, que evoca a fugacidade da vida, de uma forma não muito diversa daquela que nele encontrávamos:

傳語風光共流轉

As pessoas dizem: sopra o vento, a vida passa.

Já no primeiro dos textos desse conjunto é com o outro tema horaciano, a *aurea mediocritas*, que se cruza a primavera, igualmente evocada logo no verso inicial.

A lembrar a efemeridade da vida, tudo é volátil, tudo se esvai: as «pétalas de flor voando» (花飛), e também os seus «pedacinhos coloridos flutuando ao vento» (風飄). A evidência de que a primavera é breve, o que o deixa entristecido (neste caso ao contrário do que sucedia com Horácio), surge a seus olhos cansados, nessa contemplação da natureza:

且看欲盡花經眼

Cansado, murcham as flores diante dos meus olhos.

Avista um unicórnio por cima de um túmulo, o que lhe traz à lembrança a morte, companheira inseparável das estações do ano, sabemo-lo desde o poeta latino. E logo recupera a serenidade e conclui com uma lição que faz lembrar Horácio, que nos vem acompanhando nesta leitura: mais vale esquecer as grandezas, os títulos, as honrarias, que de nula utilidade são na vida.

O texto, o último que se apresenta aqui de entre os poemas de primavera, merece bem que o vejamos na sua versão integral, de resto curta:

一片花飛減卻春
風飄萬點正愁人
且看欲盡花經眼
莫厭傷多酒入唇
江上小堂巢翡翠
苑邊高冢臥麒麟
細推物理須行樂
何用浮名絆此身。

Por cada pétala de flor voando, a primavera mais breve,
entristeço, dez mil pedacinhos coloridos flutuando ao vento.
Cansado, murcham as flores diante dos meus olhos,
insatisfeito, vinho e mais vinho humedece os meus lábios.
Os pássaros fazem ninho nos recantos do rio,
na margem, por cima de um túmulo, jaz um unicórnio.
Bem melhor seguir, despreocupado, a voz da natureza,
para quê na vida o logro dos títulos vazios?

À semelhança de Horácio, Du Fu tem também consciência do fluir das estações e da efemeridade de tudo quanto trazem e que com o desvanecer de cada uma delas se esvai também: as flores das amoreiras se não forem colhidas no tempo certo, o trigo dourado, tudo o que vem com a primavera desaparece à chegada do verão.

Flui o tempo e nada deixa em nossas vidas, reconhece. Resta buscar a serenidade e o prazer num bom vinho, perfumado e com sabor a mel (Du Fu, 2015, p. 381):

舍西柔桑葉可拈
江畔細麥復纖纖
人生幾何春已夏
不放香醪如蜜甜

A oeste do meu lar, folhas de amoreira prontas para colher,
junto ao rio, trigo dourado, liso como seda.
Quando a primavera se transmuta em verão, que resta
em nossas vidas?
Melhor é um bom vinho, perfumado, doce como mel.

A Du Fu, porém, mais atenção e tempo merece o outono do que aparentemente a primavera. Bem mais, sem dúvida, do que as outras duas estações. Como acima se disse já, a cultura chinesa parece atribuir mais importância à primavera e ao outono do que ao verão e ao inverno; nenhuma festa existe a celebrar a chegada destas duas; já a primavera é celebrada com o Ano Novo Lunar, em sucessivos dias festivos; e o mesmo sucede com a chegada iminente do outono, as festas do Meio Outono, assim chamadas, conhecidas por uma iguaria que apenas nelas se consome, o Bolo da Lua.

A chegada do outono faz acudir à lembrança do poeta a fluidez do tempo, sempre efémero, e que a nós, humanos, nos recorda que somos igualmente fugazes, como levem penugem de cardos, conforme diz em poema dedicado ao grande poeta e seu amigo Li Bai (Du Fu, 2015, p. 121):

秋來相顧尚飄蓬
O outono chega, passeamos os olhos um no outro,
Somos a penugem esvoaçante de cardos selvagens.

É a estação dos excessos, das intempéries que desabam sobre a terra com força inclemente, como se todas as tempestades se reunissem numa só nuvem espessa a flagelar o mundo (Du Fu, 2015, pp. 164-165):

闌風長雨秋紛紛
四海八荒同一雲

O turbilhão da chuva, o vento do fim do outono,
quatro mares, cinco desertos, todos juntos numa nuvem.

As águas são barrentas, a penúria apodera-se dos campos que vão ficando improdutivos, as esposas dos camponeses desesperam por falta de sustento, a carestia domina por toda a parte.

Confundem-se a estação do ano e a idade do poeta, ambos prisioneiros irremediavelmente do outono.

São resplandecentes, apesar de tudo, as cores do amanhecer, quando o sol desponta por detrás das montanhas já cobertas de gelo. Mas é um tempo sem horizonte, como um rio perdido na noite enevoada e baça. Na sua velhice de outono, o poeta mais não é, afinal, do que uma semente perdida ao sabor do tempo, conclui no verso derradeiro, de rara beleza (Du Fu, 2015, pp. 332-333):

客亭

秋窗猶曙色
落木更天風
日出寒山外
江流宿霧中
聖朝無棄物
衰病已成翁
多少殘生事
飄零任轉蓬

No pavilhão do viajante
Na janela de outono, resplandecentes as cores da madrugada,
o vento, as folhas caindo.
O sol sai por detrás de montanhas geladas,
o rio perdido entre a neblina da noite.
Na corte, reverências aos homens de talento,
alquebrado, doente que acontecerá ainda a este velho?
Caminho ao acaso,
uma semente perdida ao sabor do tempo.

É isso mesmo essa estação, assegura no terceiro dos «suspiros à chuva de outono» (秋雨嘆): ficam dentro de casa os velhos, atrás do peso dos portões, a espiar os muros e o clima incerto. É tempo de crescerem as ervas daninhas, tempo de as crianças caminharem à chuva e ao vento.

É também o tempo em que se anuncia o frio que se avizinha, o que deixa transidos os gansos, incapazes de voar. No céu, não consegue avistar-se o sol, perdido o brilho.

Resta a esperança de que tudo passe, de que a sujidade se livre da água que a encharca, de que a terra fique, finalmente, enxuta. A pergunta retórica do final do poema é, afinal, a esperança de que o fluir das estações traga consigo a bonança e um tempo novo (Du Fu, 2015, pp. 166-167):

長安布衣誰比數
反鎖衡門守環堵
老夫不出長蓬蒿
稚子無憂走風雨
雨聲颼颼催早寒
胡雁翅濕高飛難
秋來未曾見白日
泥汙後土何時幹

Tanta gente vulgar na cidade de Chang'an,
fechada atrás de portões pesados, espiando os muros.
Velhos não saem de casa, ervas daninhas crescem,
despreocupados, meninos caminham ao vento, à chuva.
O ciciar da chuva preludia os primeiros frios,
os gansos, de asas molhadas, não conseguem voar alto.
Chega o outono, ninguém vê o sol branco no céu,
quando secará o lixo, a lama e teremos de novo a terra seca?

Esta é a estação em que mais se sente o também tão horaciano fluir dos dias, que correm a nossos olhos do mesmo modo que correm as águas do rio, frias, mas sempre límpidas, à medida que os campos em volta se vão povoando de tristeza. É assim que inicia o primeiro dos dois poemas intitulados «Outono no campo» – 秋野 (Du Fu, 360-361):

秋野日疏蕪
寒江動碧虛

Outono, os dias passam, os campos cada vez mais tristes,
correm as águas frias do rio, límpidas, cor de esmeralda.

Sente-se na paisagem que alastra progressivamente a natureza morta: os frutos maduros, os girassóis a secarem. Mas, como sucedia em Horácio, não é melancólico, muito menos pessimista o sentimento que se desprende desse retrato; o que ressalta é antes um apelo à serenidade, a «barca ancorada nas margens» e, como morada, «um lar numa aldeia». À semelhança do poeta latino, com pouco se basta; e o

pouco que tem pode, mesmo assim, reparti-lo com os seus parceiros da natureza, neste caso os peixes (Du Fu, 2015, pp. 360-361):

稀疏小紅翠
駐屐近微香

A comida do meu prato de velho,
para dividir com os peixes do rio.

No outono, como no inverno dos clássicos e da civilização ocidental de que são matriz, tudo vai morrendo: a sebe construída no tempo do viço desabou, as folhas da trepadeira ficam cada vez mais raras e cada vez mais finas, os ramos verdes da vinha acabam também por ir secando, apesar de algumas flores brancas que teimam em desabrochar. Voam para longe as andorinhas, em busca sabe-se lá de quê.

Aqui chegado, o poeta diverge de Horácio, o qual colhia do inverno e da sucessão das estações a lição de que assim se não passa com o ser humano, para quem não há o retorno cíclico da primavera. Vale a pena repetir aqui esse momento tão significativo da Ode 4.7 de Horácio:

Immortalia ne speres, monet annus et
almum quae rapit hora diem.

Não esperes a imortalidade, adverte o ano e a hora
que arrebata consigo o dia benfazejo.

Para Du Fu, ao invés, olhar a paisagem decadente do outono deve fazer lembrar que «a vida dos homens recomeça sempre». Pode, em todo o caso, não se tratar de uma divergência: a vida dos homens recomeça sempre, sim, ainda que não com os mesmos homens que assistem à chegada desse mundo de «dissipação e frio». A ser assim, ambos dirão, afinal, o mesmo – tudo tem um recomeço, na vida humana, como na natureza. E, se a interpretação for essa (e é verosímil que seja), o pessimismo não pode ter aqui lugar. É essa a lição do poema «A sebe caída», em chinês 除架 (Du Fu, 2015, pp. 302-303):

除架
束薪已零落
瓠葉轉蕭疏
幸結白花了
寧辭青蔓除
秋蟲聲不去
暮雀意何如

寒事今牢落
人生亦有初

A sebe caída
Destruída a sebe que outrora construí,
as folhas de trepadeira cada vez mais finas.
Sorte por ter ainda flores brancas a desabrochar
e deixar secar os ramos verdes da vinha.
O zumbido dos insetos de outono não incomoda,
ao entardecer em que pensam as andorinhas?
Num mundo de dissipação e frio
a vida dos homens recomeça sempre.

Existe, portanto, um paralelo muito claro entre o outono de Du Fu e o inverno horaciano. Regressemos aos «Suspiros à chuva de outono» (秋雨嘆), cujo segundo poema mereceu atenção acima.

O primeiro desses poemas é um retrato impressivo de natureza morta, onde desponta, aqui e ali, a vida de uma flor: «as ervas apodrecem e morrem», ao mesmo tempo que espreitam, por debaixo da pedra dos degraus, as cores vivas das margaridas; e, escondidas pelo verde largo das árvores de folhagem persistente, rebentam teimosamente flores sem conto.

O clima é agreste, em consonância com o retrato de morte anunciado no verso inicial: o vento sopra frio e inclemente, com um gemido que flagela quem o sente e que faz com que a solidão pareça ainda mais assustadora.

O poeta, que tudo isto vive, hesita entre a tristeza e a esperança, entre a crença no renovar cíclico da natureza e um queixume teimoso – cabelos soltos ao vento, oferece o rosto ao afago da brisa... e chora (Du Fu, 2015, pp. 162-163):

雨中百草秋爛死
階下決明顏色鮮
著葉滿枝翠羽蓋
開花無數黃金錢
涼風蕭蕭吹汝急
恐汝後時難獨立
堂上書生空白頭
臨風三嗅馨香泣

Com a chuva de outono, as ervas apodrecem e morrem,
mas, sob os degraus, rutilantes as margaridas.
Grandes folhas verdes tapam os ramos, como penas,

abrem incontáveis flores, como moedas de oiro.
Sopra cruel, contra mim, o gemido frio do vento,
em breve, vai ser difícil permanecer sozinho.
No alto, no pavilhão, o letrado despenteia os cabelos brancos,
dá o rosto à brisa, aspira três perfumes e chora.

Concluamos estas reflexões com um pequeno poema particularmente sugestivo e que, como o anterior, aproxima grandemente o outono de Du Fu do inverno horaciano, o que confirma o que já atrás se disse: na cultura chinesa, o outono e a primavera ocupam um lugar muito especial, claramente mais significativo do que o verão e o inverno.

Neste poema, intitulado justamente «Meditações de outono» (秋興), sobressai desde os primeiros versos uma imagem bem próxima da do inverno na obra do poeta latino: a natureza morta, os ulmeiros de folhas queimadas pela geada, o frio a envolver no seu longo manto a montanha. Horácio, numa das suas odes de inverno, cantava assim:

Vides ut alta stet niue candidum
Soracte nec iam sustineant onus
siluae laborantes...

Vês como se ergue, coberto de um manto de neve, o resplandecente
Soracto, e não suportam já o peso
os bosques cansados...

Não é muito diferente Du Fu:

玉露雕傷楓樹林
巫山巫峽氣蕭森

A geada branca queima as folhas dos ulmeiros,
um ar frio e cruel envolve a montanha Wu.

Se em Horácio os rios «sustêm a marcha, por força do gelo aguçado» (*gelu flumina constiterint acuto*), no poeta chinês as ondas do rio «num turbilhão sobem até ao céu» (江間波浪兼天湧); num caso o que se sobreleva é o gelo, no outro a corrente tumultuosa. A isso se somam a força do vendaval, o negrume das nuvens.

Na segunda parte do poema, entretanto, altera-se o rumo. Onde Horácio concluía com a sua máxima de que é necessário colher o tempo que passa e não fazer planos em excesso para o futuro, por ser incerto, Du Fu pressente a tristeza que o tempo faz adivinhar: desabrocham dois crisântemos, flor que

simboliza a ligação entre a vida e a morte (e também a serenidade), assim se antecipando o pranto próprio da estação melancólica que vai avançando e cuja marca é a solidão. Mas nem mesmo assim deixa de notar-se algum paralelo com o poeta latino: Horácio recomendava que, perante o clima agreste, se procurasse o aconchego da casa e da lareira; Du Fu recomenda que se preparem as roupas de inverno para os dias menos agradáveis que aí vêm (Du Fu, 2015, pp. 420-421):

玉露雕傷楓樹林
巫山巫峽氣蕭森
江間波浪兼天湧
塞上風雲接地陰
叢菊兩開他日淚
孤舟一系故園心
寒衣處處催刀尺
白帝城高急暮砧

A geada branca queima as folhas dos ulmeiros,
um ar frio e cruel envolve a montanha Wu.
As ondas do rio, num turbilhão sobem até ao céu,
o vento, montes de nuvens da fronteira obscurecem a terra.
Desabrocham dois crisântemos antecipando o meu pranto,
uma barca solitária une-me à terra onde nasci.
É tempo de preparar, em todo o lado, as roupas de Inverno,
em Baidicheng, as lavadeiras apressam-se, batendo a roupa nas pedras.

Em jeito de conclusão

Distraídos pela concentração no que nos fica perto, habituamo-nos a ver diferenças, quando não a cavar abismos, onde, por vezes, as semelhanças e as proximidades abundam. Fica-nos longe a China imperial da dinastia Tang, como longe nos fica a imperial Roma, da dinastia de Augusto. E parecem igualmente bem longínquas entre si.

As literaturas de uma e outra, porém, nem sempre são tão distantes quanto poderia imaginar-se, a demonstrar que, não obstante as divergências culturais, há coincidências no modo como a poesia de uma e outra civilização olha a vida e a celebra.

Horácio é um nome tão significativo e relevante na poesia latina, um dos seus nomes maiores, quanto o é na poesia chinesa Du Fu, também ele uma das

suas destacadas figuras. Viveram tempos diversos em civilizações distintas, seguramente sem qualquer contacto entre elas, longe como estávamos da aldeia global em que veio a tornar-se o mundo.

Oito séculos os separam. Oito séculos que podem ser uma eternidade, visto que o segundo deles, o poeta chinês, não teve notícia, difusa que fosse, do poeta latino. Mas o modo de ambos olharem o mundo aproxima-se em muitos pontos. Conhecido, entre vários outros temas, como o poeta da *aurea mediocritas*, lição que tira da consciência de que a vida é efémera, Horácio faz das consequências dessa sua visão do mundo e da vida uma das linhas dominantes da sua obra poética. É em razão disso que celebra e recomenda a moderação, é em razão disso que elege a natureza como sua fonte inspiradora. O devir do tempo, de que é simultaneamente resultado e símbolo o ciclo sucessivo das estações do ano, leva-o a refletir sobre uma realidade: a sequência das estações do ano tem o seu paralelo na vida humana, mas não o possui o eterno recomeço desse ciclo – depois do inverno do ser humano, a primavera não regressa de novo. Exprime-o em jeito de advertência, mas sem melancolia.

Du Fu, que jamais terá ouvido falar de Horácio e cujo pensamento filosófico, se assim podemos chamar-lhe, é de outra natureza, de matriz confuciana, encara a existência da mesma forma e faz evoluir a sua poesia por ideias não muito distintas: a fugacidade da existência, a efemeridade da vida, a moderação, e também, ainda que só por analogia a expressão possa utilizar-se, a *aurea mediocritas*.

Num e no outro as estações do ano são tema recorrente, com forte identidade de pontos de vista na celebração da primavera, se bem que com aproximação entre inverno (no caso do poeta latino) e outono (no do poeta chinês), por ser o outono que a cultura chinesa celebra e não a estação que lhe sucede. E o poeta chinês Du Fu igualmente é avesso a sentimentos de melancolia, ante a iminência da estação triste, como ante o pensamento da vizinhança da morte. Também aqui os dois percursos se assemelham.

Em ambos essa melancolia é superada por meio dos prazeres do vinho, com algum excesso no caso de Du Fu ou, no de Horácio, com a moderação que lhe é própria.

E até mesmo o realismo dos quadros – a água dos rios, a neve, a força do frio, as montanhas, entre outros elementos – aproxima as duas obras.

Não estamos perante influências, como seria estultice apontar-se aqui qualquer fenómeno de intertextualidade. Mas os estudos da cultura não deixarão de encontrar um interessante caminho de reflexão.

Se outra conclusão não for legítima, esta, pelo menos, será: a da estranha confluência de sensibilidades, separadas por milhares de quilómetros e por oito séculos. Também assim se pressente a universalidade da poesia.

Bibliografia

Abreu, A. G. (vd. DU FU).

Chou, E. Sh. (1995). *Reconsidering Tu Fu, literary greatness and cultural context*. Cambridge: Cambridge University Poetry.

Commager, S. (1966). *The Odes of Horace. A Critical Study* (3.ª ed.). New Haven and London: Yale University Press.

Du Fu (2015). *Poemas de Du Fu* (Tradução, prefácio e notas de A. G. Abreu). Macau: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. Macau.

Ji Hao (2017). *The Reception of Du Fu and His Poetry in Imperial China*. Leiden – Boston: Brill.

Leys, S. (2005). *Ensaios sobre a China*. Lisboa: Cotovia.

Lourenço, Frederico (2023). *Horácio: poesia completa* (Tradução e comentários de...). Lisboa: Quetzal.

Perret, J. (1959). *Horace*. Paris: Hatier.

Quinn, K. (1980). *Horace. The Odes*. London.

Schneider, M. (1985). *Voleurs de mots*. Paris: Éditions Gallimard.